

# A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

---

## CULTURAL IDENTITY IN POST-MODERNITY

Elizabeth Teixeira  
Universidade do Estado do Pará

**HALL, Stuart.** A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

A relevância do debate sobre cultura para o campo da saúde e em especial às práticas educativas é inegável. Nesse sentido, o livro de Stuart Hall é extremamente pertinente, pois representa (e apresenta) um avanço na discussão das identidades culturais na pós-modernidade. As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio. Novas identidades estão surgindo, deixando o indivíduo moderno fragmentado. O propósito do livro é explorar algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existe uma crise de identidade, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Ao desenvolver seus argumentos, o autor introduz certas complexidades e examina alguns aspectos contraditórios que a noção de descentração do sujeito, em sua forma mais simplificada, desconsidera.

Stuart Hall é professor da Open University, Inglaterra. Foi um dos fundadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, Inglaterra, tendo sido seu diretor de 1970 a 1979.

Estruturou a organização do livro em seis partes. A primeira parte A identidade em questão trata de três concepções de identidade: a do sujeito iluminista (individualista); a do sujeito sociológico (interacionista); a do sujeito pós-moderno (que efetiva a celebração móvel, nas palavras do autor). Nesta

parte do livro o autor nos faz refletir sobre a questão: o que muda de um extremo a outro? A resposta indica que a condição de permanência, a certeza e a continuidade, são condições que se desmancham no ar nestes tempos pós-modernos.

Na segunda parte Nascimento e morte do sujeito moderno emerge o conceito de descentração do sujeito. O autor está tratando da morte do sujeito cartesiano e indica algumas obras e autores que contribuíram para esse processo na modernidade tardia, como por exemplo, a releitura de Marx nos anos 60 (os homens fazem a história [...] sob as condições que lhe são dadas); também os significados mutantes das palavras de Saussure e ainda os estudos de Foucault sobre o poder dos regimes disciplinares, dentre outros. Obras e autores que abalaram as estruturas do sujeito moderno e constituíram e permitiram instituir, como destaca o autor, os descentramentos, pois suas idéias descrevem deslocamentos do sujeito através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno. Nas palavras do autor: [...] o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno (p.46).

Avançando no debate, na terceira parte As culturas nacionais como comunidades imaginadas o autor questiona:

o que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização? O autor destaca que as nações são como comunidades imaginadas, que são perpetuadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança. Na desconstrução da idéia de cultura nacional como identidade unificadora, o autor refere que as culturas nacionais, na verdade, são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (p.62). Neste sentido, para o autor, as nações modernas são verdadeiros híbridos culturais .

Na quarta parte Globalização o autor afirma que a globalização enquanto um complexo de forças de mudança está poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, dando continuidade, assim, ao debate iniciado na terceira parte do livro. O autor destaca nesta parte três impactos importantes desse processo de globalização sobre as identidades culturais: a desintegração; o reforço pela resistência; a mutação (novas identidades-híbridas-estão tomando seu lugar). Nas palavras do autor, para alguns teóricos: O efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do nível do estado-nação (p.73).

Na quinta parte do livro O global, o local e o retorno da etnia - há um instigante debate sobre o novo interesse pelo local e a nova articulação entre o global e o local, uma verdadeira dialética das identidades: entre novas identidades globais e novas identidades locais. Aqui o autor defende que a globalização tem um efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante altera as identidades fixas, tornando-as menos fixas, plurais,

mais políticas e diversas. Esse movimento pode produzir dois efeitos, e o autor refere que Kevis Robins<sup>1</sup> chama o primeiro efeito de Tradição, quando as nações tentam recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas (p.87). O outro efeito desse processo nas nações é denominado de Tradução, quando as nações aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença (p.87). Assim, as nações estariam gravitando entre manter (a tradição) e transformar (a tradução), o que afeta diretamente as novas (ou velhas) formas de identidade cultural. É nesse movimento/deslocamento que emerge a concepção de culturas híbridas (entre a tradição e a tradução) como um dos diversos tipos de identidades destes tempos de modernidade tardia.

Na sexta e última parte do livro Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo o autor faz uma análise do descentramento do Ocidente. Nas palavras do autor: a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do global nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do local. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes (p.97).

Este livro elabora um debate sobre o movimento/deslocamento produzido pela globalização nas identidades culturais na modernidade tardia/pós-modernidade. Neste sentido, a concepção descentramento do sujeito ganha sentido, pois diante desses intensos fluxos produzidos/introduzidos nas paisagens culturais, estas se fragmentam/pluralizam e com elas e a partir delas também o sujeito. O debate é de extrema relevância para os estudos culturais no campo da saúde. A noção de híbridos culturais pode

<sup>1</sup> Citado pelo autor. Referência: Robins, K. Tradition and translation: national culture in its global context. In: Corner, J. and Harvey, S. (orgs.), Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture. Londres: Routledge, 1991.

em muito contribuir com os estudos nestes campos, tornando-os mais abertos aos fenômenos plurais e diversos que se manifestam nos respectivos saberes/fazeres dos sujeitos individuais e coletivos. O livro nos brinda e ao mesmo tempo nos estimula a rever nossos *scripts* culturais e nossa capacidade de interpretação do mundo pós-moderno.

Elizabeth Teixeira.

Doutora em Ciências Sócio-Ambientais pela UFPA. Pós-Doutorado em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Docente do Curso de Mestrado em Educação da UEPA. E-mail: [etfelipe@terra.com.br](mailto:etfelipe@terra.com.br)

Recebido em 25/09/2006

Aceito em 30/12/2006

